

“ Temos que ajudar a moldar a cidade onde queremos viver”

“ We must help mould the city in which we want to live”

Andrew Shore é um arquitecto que escolheu Évora para viver. Descrever Andrew Shore, é falar de uma pessoa com uma enorme visão futurista, e ao mesmo tempo realista, da cidade onde reside há mais de dez anos. Entrevistámo-lo:

SR - Qual a marca que impões no teu trabalho?

AS - Hoje em dia os arquitectos tem uma cultura muito global, são constantemente influenciados por experiências conduzidas em diferentes partes do mundo. No entanto existe sempre uma especificidade que nos distingue ligada ao contexto cultural na qual vivemos e intervimos.

SR - Como esperas contribuir para a evolução arquitectónica da cidade de Évora?

AS - Neste contexto (nós arquitectos) somos confrontados, por um lado, com um centro histórico consolidado de grande importância arquitectónica, e por outro lado, com uma periferia urbana, extramuros, relativamente recente que se justapõe a uma paisagem rural envolvente de excepcional beleza.

A relativa clareza com a qual a cidade ainda se demarca da envolvente rural é algo cada vez mais raro de encontrar nos países mais desenvolvidos, onde, mais frequentemente, as cidades tendem a diluir-se no território apagando a sua ruralidade sem por isso estabelecer uma nova urbanidade.

Apesar da evolução, com raras exceções, até agora pouco interessante da cidade extramuros, considero que muitas escolhas estão ainda em aberto.

Um tema que tem vindo a interessar-me cada vez mais, tem a ver com a desertificação do centro da cidade. A maioria dos imóveis habitacionais tornaram-se desadequados às exigências de habitabilidade actuais. Todos os que, desejando viver no centro histórico, nele procuram casa, deparam com imóveis que, frequentemente, por detrás das suas fachadas, escondiam condições muito pouco desejáveis.

Contribuir para alterar esta situação, conciliar a necessidade de salvaguardar a importância histórica dos imóveis da cidade com a necessidade de adaptá-los às actuais exigências dos seus habitantes representa, a meu ver, um desafio profissional extremamente aliciente.

SR - Que mudanças já viste nestes 10 anos?

AS - Uma das razões pela qual escolhi viver em Évora, há 10 anos, teve a ver com o enorme potencial que esta cidade tinha na altura. Não obstante muitos esforços, existe, todavia, ainda hoje, entre os seus habitantes, a sensação de estarem longe de ter esgotado este potencial. Do ponto de vista urbanístico, por exemplo, ainda hoje, a expansão da cidade, embora numa escala mais contida, não difere de forma clara da expansão típica que caracteriza as restantes cidades do país e não valoriza a própria especificidade.

No âmbito cultural, cada vez mais, é possível assistir ao aparecimento de iniciativas, que partem directamente de pessoas e de associações de pessoas e não unicamente das instituições públicas. Vejo nisso algo de muito positivo que vai ao encontro de uma das grandes vocações desta cidade, a qual, à semelhança do que

se tem realizado noutras cidades históricas europeias, apresenta características ideais para se promover, no plano nacional, como um “hub” cultural.

Estou cada vez mais convencido que cabe sobretudo aos próprios habitantes da cidade assumir a responsabilidade de participar de forma activa em criar e moldar a cidade na qual querem viver. Nesse sentido, penso que a vinda de numerosas pessoas que, como eu, têm sido atraídas por esta cidade e que optam por aqui viver, pode vir a representar um contributo muito importante para a evolução futura da cidade.

Andrew Shore is an architect who chose Évora as the city in which he wanted to live.

To talk about Andrew Shore is to talk about a person with a great futuristic, yet realistic, vision of the city in which he has lived for over ten years. We interviewed him.

SR - What distinguishes your work?

AS - Nowadays architects have a very global culture, they are constantly influenced by experiments conducted in different parts of the globe. However, there is always a special feature that distinguishes us, that is related to the cultural context in which we live and intervene.

SR - How do you hope to contribute to the architectural evolution of the city of Évora?

AS - In this context (we, architects) are confronted, on the one hand, by an

Andrew Shore, arquitecto, australiano, 43 anos, residente em Évora.



established historic centre, of great architectural importance, and on the other by an urban periphery, outside the walls, that is relatively recent and that is set alongside a rural landscape of exceptional beauty.

The relative clarity with which the city still separates itself from its rural surroundings is something that is becoming increasingly harder to find in the more developed countries where, generally, cities tend to merge into the land, erasing its rurality without in turn establishing a new urban centre. In spite of the evolution of the city outside the walls which, until now has, with few exceptions, been generally uninteresting, I believe that many choices are still open to us.

A topic which I have become more and more interested in, is the desertification of the city centre. Most of the properties have become unsuitable for the demands of modern living. Anyone who, wishing to live in the historic centre, looks for a home here,

finds properties that, behind their façades, often mask very unfavourable conditions.

Working towards changing this situation, reconciling the need to safeguard the historic importance of the city's properties with the need to adapt them to the current demands of its inhabitants represents, in my view, an extremely enticing professional challenge.

SR - What changes have you witnessed in these last ten years?

AS - One of the reasons why I chose to live in Évora 10 years ago was the huge potential that this city had at the time. Notwithstanding the many efforts undertaken, there is still today, among its inhabitants, a feeling that this potential is far from exhausted.

From an urbanistic point of view, for example, even today the expansion of the city, while on a more restricted scale, does not differ in any clear way from the typical expansion that

characterises all the other cities in the country and hence does not value its unique features.

In the cultural sphere, we can find more and more initiatives which flow directly from individuals and associations of individuals and not merely from public bodies. I see in this something very positive and which matches one of the great vocations of this city - that of a city that, along the lines of what has been happening in other historic European cities, has the ideal characteristics to promote itself, in the national arena, as a cultural hub.

I increasingly believe that it is, above all, the inhabitants of the city themselves who should take responsibility for participating actively in creating and moulding the city in which they want to live. In this sense, I feel that the arrival of many people who, like myself, have been drawn to this city and who choose to live here, may come to represent a very important contribution to the future evolution of the city.